

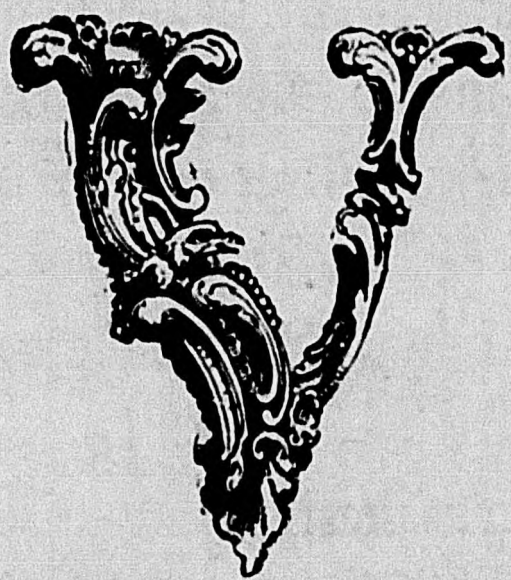
JORNAL DAS FAMILIAS

MARIANNA.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

—DO—

RIO DE JANEIRO



Voltei de Europa depois de uma ausencia de quinze annos. Era quanto bastava para vir achar muita cousa mudada. Alguns amigos tinham morrido, outros estavam casados, outros viuvos. Quatro ou cinco tinham-se feito homens publicos, e um delles acabava de ser ministro de Estado. Sobre todos elles pesavam quinze annos de desillusões e cansasso. Eu, entretanto, vinha tão moço como fôra, não no rosto e nos cabellos, que começavam a embranquecer, mas na alma e no coração que estavam em flor. Foi essa a vantagem que tirei das minhas constantes viagens. Não ha decepções possiveis para um viajante, que apenas vê de passagem o lado bello da natureza humana e não ganha tempo de conhecer-lhe o lado feio. Mas deixemos estas philosophias inuteis.

Tambem achei mudado o nosso Rio de Janeiro, e mudado para melhor. O jardim do Rocio, o boulevard Barceller, cinco ou seis hoteis novos, novos predios, grande movimento commercial e popular, tudo isso fez em meu espirito uma agradavel impressão.

Fui hospedar-me no hotel Damiani. Chamo-lhe assim para conservar um nome que tem para mim recordações saudosas. Agora o hotel chama-se Ravot. Tem defronte uma grande casa de modas e um escriptorio de

jornal politico. Dizem-me que a casa de modas faz mais negocio que o jornal. Não admira; poucos leem, mas todos se vestem.

Estava eu justamente a contemplar o espectaculo novo que a rua me offerecia quando vi passar um individuo cuja physionomia me não era extranha. Desci logo á rua e cheguei á porta quando elle passava defronte.

— Coutinho ! exclamei.

— Macedo ! disse o interpellado correndo a mim.

Entrámos no corredor e ahi demos aberta ás nossas primeiras expansões.

— Que milagre é este ? por que estás aqui ? Quando chegaste ?

Estas e outras perguntas fazia-me o meu amigo entre repetidos abraços. Convidei-o a subir e a almoçar comigo, o que aceitou, com a condição porém de que iria buscar mais dous amigos nossos, que eu estimaria ver. Eram effectivamente dous excellentes companheiros de outro tempo. Um delles estava á frente de uma grande casa commercial; o outro, depois de algumas vicissitudes, fizera-se escrivão de uma vara civil.

Reunidos os quatro na minha sala do hotel, foi servido um succulento almoço, em que aliás eu e o Coutinho tomámos parte. Os outros limitavam-se a fazer a razão de alguns brindes e a propôr outros.

Quiseram que eu lhes contasse as minhas viagens; cedi francamente a este desejo natural. Não lhes occultei nada. Contei-lhes o que havia visto desde o Tejo até o Danubio, desde Paris até Jerusalem. Fil-os assistir na imaginação ás corridas de Chantilly e ás jornadas das caravanas no deserto; fallei do céu nevoendo de Londres e do céu azul da Italia. Nada me' escapou; tudo lhes referi.

Cada qual fez as suas confissões. O negociante não hesitou em dizer tudo quanto soffrera antes de alcançar a posição actual ! Deu-me noticia de que estava casado, e tinha uma filha de dez annos no collegio. O escrivão achou-se um tanto envergonhado quando lhe tocou a vez de dizer a sua vida ; todos nós tivemos a delicadesa de não insistir nesse ponto.

Coutinho não hesitou em dizer que era mais ou menos o que era outr'ora a respeito da ociosidade ; sentia-se entretanto mudado e entrevia ao longe idéas de casamento.

— Não te casaste ? perguntei eu.

— Com a prima Amelia ? disse elle ; não.

— Porque ?

— Porque não foi possivel.

— Mas continuaste a vida solta que levavas ?

— Que pergunta ! exclamou o negociante. É a mesma cousa que era ha quinze annos. Não mudou nada.

— Não digas isso; mudei.

— Para peor? perguntei eu rindo.

— Não, disse Continho, não sou peor do que era; mudei nos sentimentos; acho que hoje não me vale a pena cuidar de ser mais feliz do que sou.

— E podias sel-o, se te houvesse casado com tua prima. Amava-te muito aquella moça, ainda me lembro das lagrimas que lhe vi derramar em um dia de entrudo. Lembras-te?

— Não me lembra, disse Coutinho ficando mais serio do que estava; mas creio que deve ter sido isso.

— E o que é feito della?

— Casou.

— Ah!

— É hoje fazendeira; e dá-se perfeitamente com o marido. Mas não fallemos nisto, acrescentou Coutinho, enchendo um calix de cognac; o que lá vae, lá vae!

Houve alguns instantes de silencio, que eu não quize interromper, por me parecer que o nome da moça trouxera ao rapaz alguma recordação dolorosa.

Rapaz é uma maneira de dizer. Coutinho contava já seus trinta e nove annos e tinha alguns fios brancos na cabeça e na barba. Mas apesar desse evidente signal do tempo, eu aprasia-me em ver os meus amigos pelo prisma da recordação que levára delles.

Coutinho, foi o primeiro que rompeu o silencio.

— Pois que estamos aqui reunidos, disse elle, ao cabo de quinze annos, deixem que, sem exemplo, e para completar as nossos confidencias reciprocas, eu lhes confesse uma cousa, que nunca sahio de mim.

— Bravo! disse eu; ouçamos a confidencia de Coutinho.

Accendemos nossos charutos. Coutinho começou a fallar:

— « Eu namorava a prima Amelia, como sabem; o nosso casamento devia effectuar-se um anno depois que d'aqui sahiste. Não se effectuou por circumstancias que occorreram depois, e com grande magua minha, pois gostava della. Antes e depois amei e fui amado muitas vezes; mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jámais como fui.....

— Por tua prima? perguntei eu.

— Não; por uma cria de casa.

Olhámos todos espantados um para outro. Ignorávamos esta circumstancia, e estávamos a cem leguas de semelhante conclusão. Coutinho não

parece attender ao nosso espanto ; sacudia distrahidamente a cinza do charuto e parecia absorto na recordação que o seu espirito evocava.

— Chamava-se Marianna, continuou elle alguns minutos depois, e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa , e recebendo de minha mãe os mesmos affagos que ella dispensava ás outras filhas. Não se sentava á mesa, nem vinha á sala em occasião de visitas, eis a differença ; no mais era como se fosse pessoa livre , e até minhas irmãs tinham certa affeição fraternal. Marianna possuia a intelligencia da sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Comprehendia bem que na situação em que se achava , só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora.

A sua educação não fôra tão completa como a de minhas irmãs ; contudo, Marianna sabia mais do que outras mulheres em igual caso. Além dos trabalhos de agulha que lhe foram ensinados com extremo zêlo , aprendera a lêr e a escrever. Quando chegou aos 15 annos teve desejo de saber francez, e minha irmã mais moça lh'o ensinou com tanta paciencia e felicidade , que Marianna em pouco tempo ficou sabendo tanto como ella.

Como tinha intelligencia natural , todas estas cousas lhe foram faceis. O desenvolvimento do seu espirito não prejudicava o desenvolvimento de seus encantos. Marianna aos 18 annos era o typo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo atravez da tez morena do rosto , fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os cabellos naturalmente encaracollados e curtos. Talhe esbelto e elegante , collo voluptuoso , pé pequeno e mãos de senhora. É impossivel que eu esteja a idealisar esta creatura que ha tanto me desapareceo dos olhos ; mas não estarei muito longe da verdade.

Marianna era apreciada por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras. Meu tio, João Luiz, dizia-me muitas vezes : — « Porque diabo está tua mãe guardando aqui em casa esta flor peregrina ? A rapariga precisa de tomar ar. »

Posso dizer, agora que já passou muito tempo , esta preocupação do tio nunca me passou pela cabeça ; acostumado a ver Marianna bem tratada parecia-me ver nella uma pessoa de familia, e além disso, ser-me-hia doloroso contribuir para causar tristeza a minha mãe.

Amelia ia lá a casa algumas vezes ; mas era ao principio , e antes que nenhum namoro houvesse entre nós. Cuido , porém , que foi Marianna quem chamou a attenção da moça para mim. Amelia deu-m'o a entender um dia. O certo é que uma tarde , depois de jantar , estavamos a tomar

café no terraço, e eu reparei na belleza de Amelia com uma attenção mais demorada que de costume. Fosse acaso ou phenomeno magnetico, a moça olhava tambem para mim. Prolongaram-se os nossos olhares... ficámos a amar um ao outro. Todos os amores começam pouco mais ou menos, assim.

Acho inutil contar minuciosamente este namoro de rapaz, que vocês em parte conhecem, e que não apresentou episodio notavel. Meus paes aprovaram a minha escolha; os paes de Amelia fizeram o mesmo. Nada se oppunha á nossa felicidade. Preparei-me um dia de ponto em branco e fui pedir a meu tio a mão da filha. Foi-me ella concedida, com a condição apenas de que o casamento seria effectuado alguns mezes depois, quando o irmão de Amelia tivesse completado os estudos, e pudesse assistir á cerimonia com a sua carta de bacharel.

Durante este tempo Marianna estava em casa de uma parenta nossa que nol-a foi pedir para costurar uns vestidos. Marianna era excellente costureira. Quando ella voltou para casa, estava assentado o meu casamento com Amelia; e, como era natural, eu passava a maior parte do tempo em casa da prima, saboreando aquellas castas effusões de amor e ternura que antecedem o casamento. Marianna notou as minhas prolongadas ausencias, e, com uma dissimulação assaz intelligente, indagou de minha irmã Josepha a causa dellas. Disse-lh'o Josepha. Que se passou então no espirito de Marianna? Não sei; mas no dia seguinte, depois do almoço quando eu me dispunha a ir vestir-me, Marianna veio encontrar-me no corredor que ia ter ao meu quarto, com o pretexto de entregar-me um maço de charutos que me cahira do bolso. O maço fôra previamente tirado da caixa que eu tinha no quarto.

— Aqui tem, disse ella com voz tremula.

— O que é? perguntei.

— Estes charutos... cahiram do bolso de senhor moço.

— Ah!

Recebi o maço de charutos e guardei-o no bolso do casaco; mas durante esse tempo, Marianna conservou-se diante de mim. Olhei para ella tinha os olhas postos no chão.

— Então, que fazes tu? disse eu em tom de galhofa.

— Nada, respondeo ella levantando os olhos para mim. Estavam rasos de lagrimas.

Admirou-me essa manifestação inesperada da parte de uma rapariga que todos estavam acostumados a ver alegre e descuidosa da vida. Suppuz que houvesse commettido alguma falta e recorresse a mim para protegê-la

junto de minha mãe. Nesse caso a falta devia ser grande, porque minha mãe era a bondade em pessoa, e tudo perdoava ás suas amadas crias.

— Que tens, Marianna? perguntei.

E como ella não respondesse e continuasse a olhar para mim, chamei em voz alta por minha mãe. Marianna apressou-se a tapar-me a bocca, e esquivando-se ás minhas mãos fugio pelo corredor fóra.

Fiquei a olhar ainda alguns instantes para ella, sem comprehender nem as lagrimas, nem o gesto, nem a fuga. O meu principal cuidado era outro; a lembrança do incidente passou depressa, fui vestir-me e sahi.

Quando voltei a casa não vi Marianna, nem reparei na falta della. Acontecia isso muitas vezes. Mas depois de jantar lembrou-me o incidente da vespera, e perguntei a Josepha o que haveria magoado a rapariga que tão romanescamente me fallára no corredor.

— Não sei, disse Josepha, mas alguma cousa haverá porque Marianna anda triste desde ante-hontem. Que suppões tu?

— Alguma cousa faria e tem medo da mamãe.

— Não, disse Josepha; pode ser antes algum namoro.

— Ah! tu pensas que?

— Pode ser.

— E quem será o namorado da senhora Marianna, perguntei rindo. O copeiro ou o cocheiro?

— Tanto não sei eu; mas seja quem fôr, será alguém que lhe inspirasse amor; é quanto basta para que se mereçam um ao outro.

— Philosophia humanitaria!

— Philosophia de mulher, respondeo Josepha com um ar tão serio que me impoz silencio.

Marianna não me appareceo nos trez dias seguintes. No quarto dia, estavamos almoçando, quando ella atravessou a sala de jantar, tomou a benção a todos e foi para dentro. O meu quarto ficava além da sala de jantar e tinha uma janella que dava para o pateo e enfrentava com o janella do gabinete de costura. Quando fui para o meu quarto, Marianna estava nesse gabinete occupada em preparar varios objectos para uns trabalhos de agulha. Não tinha os olhos em mim, mas eu percebia que o seu olhar acompanhava os meus movimentos. Approximei-me da janella e disse-lhe:

— Está mais alegre, Marianna?

A mulatinha assustou-se, voltou a cara para diversos lados, como se tivesse medo de que as minhas palavras fossem ouvidas, e finalmente impoz-me silencio com o dedo na bocca.

— Mas que é? perguntei eu dando á minha voz a moderação compatível com a distancia.

Sua unica resposta foi repetir-me o mesmo gesto.

Era evidente que a tristeza de Marianna tinha uma causa mysteriosa, pois que ella receava revellar nada a esse respeito.

Que seria senão algum namoro, como minha irmã suppunha? Convinco disto, e querendo continuar uma investigação curiosa, aproveitei a primeira occasião que se me offereceo.

— Que tens tu, Marianna? disse eu; andas triste e mysteriosa. É algum namorico? Anda, falla; tu és estimada por todos cá de casa. Se gostas de alguem poderás ser feliz com elle por que ninguem te opporá obstaculos aos teus desejos.

— Ninguem? perguntou ella com singular expressão de incredulidade.

— Quem teria interesse nisso?

— Não fallemos nisso, nhonhó. Não se trata de amores, que eu não posso ter amores. Sou uma simples escrava.

— Escrava, é verdade, mas escrava quasi senhora. És tratada aqui como filha da casa. Esqueces esses beneficios?

— Não os esqueço; mas tenho grande pena em havel-os recebido.

— Que dizes insolente?

— Insolente? disse Marianna com altivez. Perdão! continuou ella voltando á sua humildade natural e ajoelhando-se a meus pés; perdão se disse aquillo; não foi por querer: eu sei o que sou; mas se nhonhó soubesse a razão estou certa que me perdoaria.

Commoveo-me esta linguagem da rapariga. Não sou máo; comprehendí que alguma grande preocupação teria feito com que Marianna esquecesse por instantes a sua condição e o respeito que nos devia a todos.

— Está bom, disse eu, levanta-te e vae-te embora; mas não tornes a dizer cousas dessas que me obrigas a contar tudo á senhora velha.

Marianna levantou-se, agarrou-me na mão, beijou-a repetidas vezes entre lagrimas e desapareceo.

Todos estes acontecimentos tinham chamado a minha attenção para a mulatinha. Parecia-me evidente que ella sentia alguma cousa por alguem, e ao mesmo tempo que o sentia, certa elevação e nobresa. Taes sentimentos contrastavam com a fatalidade da sua condição social. Que seria uma paixão d'aquella pobre escrava educada com mimos de senhora? Reflecti longamente nisto tudo, e concebi um projecto romantico: obter a confissão franca de Marianna, e, no caso em que se tratasse de um amor

que a podesse tornar feliz , pedir a minha mãe a liberdade da escrava.

— Josepha approvou a minha idéa, e incumbio-se de interrogar a rapariga e alcançar pela confiança aquillo que me seria mais difficil obter pela imposição ou se quer pelo conselho.

Marianna recusou dizer cousa nenhuma a minha irmã. Debalde empregou esta todos os meios de seducção possiveis entre uma senhora e uma escrava. Marianna respondia invariavelmente que nada havia que confessar. Josepha communicou-me o que se passára entre ambas.

— Tentarei eu, respondi; verei se sou mais feliz.

Marianna resistio ás minhas interrogações repetidas , asseverando que nada sentia e rindo de que se pudesse suppôr semelhante cousa. Mas era um riso forçado, que antes confirmava a suspeita do que a negativa.

— Bem , disse eu , quando me convenci de que nada podia alcançar ; bem, tu negas o que te pergunto. Minha mãe saberá interrogar-te.

Marianna estremeceo.

— Mas, disse ella, porque razão sinhá velha ha-de saber disto ? Eu já disse a verdade.

— Não disseste, respondi eu ; e não sei porque recusas dizel-a quando tratamos todos da tua felicidade.

— Bem , disse Marianna com resolução , promette que se eu disser a verdade não me interrogará mais ?

— Prometto, disse eu rindo.

— Pois bem ; é verdade que eu gosto de uma pessoa...

— Quem é ?

— Não posso diser.

— Porque ?

— Porque é um amor impossivel.

— Impossivel ? Sabes o que são amores impossiveis ?

— Roçou pelos labios da mulatinha um sorriso de amargura e dor.

— Sei ! disse ella.

Nem pedidos, nem ameaças conseguiram de Marianna uma declaração positiva a este respeito. Josepha foi mais feliz do que eu ; conseguio, não arrancar-lhe o segredo , mas suspeitar-lh'o , e veio dizer-me o que lhe parecia

— Que seja eu o querido de Marianna? perguntei-lhe com um riso de mofa e incredulidade. Estás louca, Josepha. Pois ella atrever-se-hia !...

— Parece que se atrevo.

— A descoberta é galante ; e realmente não sei o que pense disto...

Não continuei ; disse a Josepha que não fallasse em semelhante cousa

e desistisse de maiores explorações. Na minha opinião o caso tomava outro character ; tratava-se de uma simples exaltação de sentidos.

Enganei-me.

Cerca de cinco semanas antes do dia marcado para o casamento , Marianna adoeceu. O medico deu á molestia um nome barbaro, mas na opinião de Josepha era doença de amor. A doente recusou tomar nenhum remedio ; minha mãe estava louca de pena ; minhas irmãs sentiam deveras a molestia da escrava. Esta ficava cada vez mais abatida ; não comia, nem se medicava ; era de receiar que morresse. Foi nestas circumstancias que eu resolvi faser um acto de caridade. Fui ter com Marianna e pedi-lhe que vivesse.

— Manda-me viver ? perguntou ella.

— Sim.

— Foi efficaz a lembrança ; Marianna restabeleceo-se em pouco tempo. Quinze dias depois estava completamente de pé.

Que esperanças concebera ella com as minhas palavras, não sei ; cuido que ellas só tiveram effeito por lhe acharem o espirito abatido. Acazo contrario ella que eu disistisse do casamento projectado e do amor que tinha á prima, para satisfazer os seu amores impossiveis? Não sei ; o certo é que não só se lhe restaurou a saude como tambem lhe voltou a alegria primitiva.

Confesso , entretanto que, apesar de não compartilhar de modo nenhum os sentimentos de Marianna, entrei a olhar para ella com outros olhos. A rapariga tornára-se interessante para mim, e qualquer que seja a convicção de uma mulher, ha sempre dentro de nós um fundo de vaidade que se lisongeia com a affeição que ella nos vote. Além disto, surgio em meu espirito uma idéa, que a razão pode condemnar, mas que nossos costumes aceitam perfeitamente. Marianna encarregára-se de provar que estava acima das velleidades. Um dia de manhã fui accordado pelo alvoroço que havia em casa. Vesti-me á pressa e fui saber o que era. Marianna tinha desapareido de casa. Achei minha mãe desconsoladissima : estava triste e indignada ao mesmo tempo. Doia-lhe a ingratidão da escrava. Josepha veio ter commigo.

— Eu suspeitava, disse ella, que alguma cousa acontecesse. Marianna andava alegre de mais ; parecia-me contentamento fingido para encobrir algum plano. O plano foi este. Que te parece ?

— Creio que devemos fazer esforços para captural-a, e uma vez restituída á casa, collocar-a na situação verdadeira do captiveiro.

Disse isto por me estar a doer o desespero de minha mãe. A verdade é que, por simples egoismo, eu desculpava o acto da rapariga.

Parecia-me natural, e agradava-me ao espirito, que a rapariga tivesse fugido para não assistir á minha ventura, que seria realidade d'ahi a dito dias. Mas a idéa de suicidio veio agoar-me o gosto; estremeci com a suspeita de ser involuntariamente causa de um crime dessa ordem; impellido pelo remorso, sahi apressadamente em busca de Marianna.

Achei-me na rua sem saber o que devia fazer. Andei cêrca de vinte minutos inutilmente, até que me occorreo a idéa natural de recorrer á policia; era prosaica a intervenção da policia, mas eu não fazia romance; ia simplesmente em cata de uma fugitiva.

A policia nada sabia de Marianna; mas lá deixei a nota competente; correram agentes em todas as direcções: fui eu mesmo saber nos arrabaldes se havia noticia de Marianna. Tudo foi inutil; ás trez horas da tarde voltei para casa sem poder tranquillisar minha familia. Na minha opinião tudo estava perdido.

Fui á noite a casa de Amelia, aonde não fôra de tarde, motivo pelo qual havia recebido um recado em carta a uma de minhas irmãs. A casa de minha prima ficava em uma esquina. Eram oito horas da noite quando cheguei á porta da casa. A trez ou quatro passos estava um vulto de mulher cosido com a parede. Approximei-me: era Marianna.

— Que fazes aqui? perguntei eu.

— Perdão, nhonhó; vinha vê-lo.

— Ver-me? mas porque sahiste de casa, onde eras tão bem tratada, e donde não tinhas o direito de sahir, porque és captiva?

— Nhonhó, eu sahi porque soffria muito...

— Soffrias muito! Tratavam-te mal? Bem sei o que é; são os resultados da educação que minha mãe te deu. Já te suppões senhora e livre. Pois enganas-te; has-de voltar já e já para casa. Soffrerás as consequências da tua ingratidão. Vamos...

— Não! disse ella; não irei.

— Marianna, tu abusas da afeição que todos temos por ti. Eu não tolero essa recusa, e se me repetes isso.....

— Que fará?

— Irás á força; irás com dous soldados.

— Nhonhó fará isso? disse ella com voz tremula. Não quero obrigar-o a encommodar os soldados; iremos juntos, ou irei só. O que eu queria, é que nhonhó não fosse tão cruel... por que enfim eu não tenho culpa se... Paciencia! vamos... eu vou.

Marianna começou a chorar. Tive pena della.

— Tranquilla-te, Marianna, disse-lhe; eu intercederei por ti. Mamãe não te fará mal.

— Que importa que faça? Eu estou disposta a tudo... Ninguém tem que ver com as minhas desgraças... Estou prompta; podemos ir.

— Saibamos outra cousa, disse eu, alguém te seduzio para fugir?

Esta pergunta era astuciosa; eu desejava apenas desviar do espirito da rapariga qualquer suspeita de que eu soubesse dos seus amores por mim. Foi desastrada a astucia. O unico effeito da pergunta foi indignal-a.

— Se alguém me seduzio? perguntou ella; não, ninguém; fugi por que eu o amo, e não posso ser amada, e sou uma infeliz escrava. Aqui está por que eu fugi. Podemos ir; já disse tudo. Estou prompta a carregar com as consequencias disto.

Não pude arrancar mais nada a rapariga. Apenas, quando lhe perguntei se havia comido, respondeo-me que não, mas que não tinha fome.

Chegámos a casa eu e ella perto das nove horas da noite. Minha mãe, já não tinha esperanças de tornar a ver Marianna; o prazer que a vista da escrava lhe deu foi maior que a indignação pelo seu procedimento. Começou por invectival-a. Intercedi a tempo de acalmar a justa indignação de minha mãe e Marianna foi dormir tranquillamente.

Não sei se tranquillamente. No dia seguinte tinha os olhos inchados e estava triste. A situação da pobre rapariga interessára-me bastante, o que era natural, sendo eu a causa indirecta d'aquella dor profunda. Falei muito nesse episodio em casa de minha prima. O tio João Luiz disse-me em particular que eu fôra um asno e um ingrato.

— Porquê? perguntei-lhe.

— Porque devias ter posto Marianna debaixo da minha protecção, afim da livral-a do máo tratamento que vae ter.

— Ah! não, minha mãe já lhe perdoou.

— Nunca lhe perdoará como eu.

Falei tanto em Marianna que minha prima entrou a sentir um disparatado ciúme. Protestei-lhe que era loucura e abatimento ter zelos de uma cria de casa, e que o meu interesse era simples sentimento de piedade. Parece que as minhas palavras não lhe fizeram grande impressão.

Extremamente leviana, Amelia não soube conservar a necessaria dignidade quando foi a minha casa. Conversou muito na necessidade de tratar severamente as escravas, e achou que era dar máo exemplo mandar-lhes ensinar alguma cousa.

Minha mãe admirou-se muito desta linguagem na bocca de Amelia e

redarguiu com asperesa o que lhe dava direito a sua vontade. Amelia insistio ; minhas irmãs combateram as suas opiniões : Amelia ficou amuada. Não havia peor posição para uma senhora.

Nada escapára a Marianna desta conversa entre Amelia e minha familia ; mas ella era dissimulada e nada disse que podesse trahir os seus sentimentos. Pelo contrario redobrou de esforços para agradar a minha prima ; desfez-se em agrados e respeitos. Amelia recebia todos essas demonstrações com visivel sobranceria em vez de as receber com fria dignidade.

Na primeira occasião em que pude fallar a minha prima, chamei a sua attenção para esta situação absurda e ridicula. Disse-lhe que, sem o querer, estava a humilhar-se de ante de uma escrava. Amelia não comprehendendo o sentimento que me dictou estas palavras, nem a procedencia das minhas palavras. Vio n'aquillo uma defesa de Marianna ; respondeo-me com algumas palavras duras e retirou-se para os aposentos de minhas irmãs onde chorou á vontade. Finalmente tudo se acalmou e Amelia voltou tranquillamente para casa.

Quatro dias antes do dia marcado para o meu casamento, era a festa do natal. Minha mãe costumava dar festas ás escravas. Era um costume que lhe deixára minha avó. As festas consistiam em dinheiro ou algum objecto de pouco valor. Marianna recebia ambas as cousas por uma especial graça. De tarde tiveram gente em casa para jantar : alguns amigos e parentes. Amelia estava presente. Meu tio João Luiz era grande amador de discursos á sobre mesa. Mal começavam a entrar os doces, quando elle se levantou e começou um discurso que, a julgar pelo introito, devia ser extenso. Como elle tinha summa graça, eram geraes as risadas desde que empunhou o copo. Foi no meio dessa geral alegria que uma das escravas veio dar parte de que Marianna havia desaparecido.

Este segundo acto de rebeldia da mulatinha produziu a mais furiosa impressão em todos. Da primeira vez houve alguma magoa e saudade de mistura com a indignação. Desta vez houve indignação apenas. Que sentimento devia inspirar a todos a insistencia dessa rapariga em fugir de uma casa onde era tratada como filha ? Ninguém duvidou mais que Marianna era seduzida por alguem, idéa que da primeira vez se desvanecio mediante uma piedosa mentira da minha parte ; como duvidar agora ?

Taes não eram as minhas impressões. Senhor do funesto segredo da escrava, sentia-me penalizado por ser causa indirecta das loucuras della e das tristezas de minha mãe. Ficou assentado que se procuraria a fugitiva

e se lhe daria o castigo competente. Deixei que esse movimento de colera se consumasse, e levantei-me para ir procurar Marianna.

Amelia ficou desgostosa com esta resolução, e bem o revellou no olhar; mas eu fingi que a não percebia e sahi.

Dei os primeiros passos necessarios e usuaes. A policia nada sabia, mas ficou avisada e empregou meios para alcançar a fugitiva. Eu suspeitava que desta vez ella tivesse commettido suicidio; fiz neste sentido as diligencias necessarias para ter alguma noticia della viva ou morta.

Tudo foi inutil.

Quando voltei a casa eram dez horas da noite; todos estavam á minha espera, menos o tio e a prima que já se haviam retirado.

Minha irmã contou-me que Amelia sahira furiosa, por que achava que eu estava dando maior attenção do que devia a uma escrava, embóra bonita, accrescentou ella.

Confesso que n'aquelle momento o que me preocupava mais, era Mariannã; não por que eu correspondesse aos seus sentimentos por mim, mas porque eu sentia serios remorsos de ser causa de um crime. Fui sempre pouco amante de aventuras e lances arriscados e não podia pensar sem algum terror na possibilidade de morrer alguém por mim.

Minha vaidade não era tamanha que me abafasse os sentimentos de piedade christã. Neste estado as invectivas da minha noiva não me fizeram grande impressão, e não foi por causa dellas que eu passei a noite em claro.

Continuei no dia seguinte as minhas pesquisas, mas nem eu nem a policia fomos felizes.

Tendo andado muito, já a pé, já de tilburi, achei-me ás cinco horas da tarde no largo de S. Francisco de Paula, com alguma vontade de comer a casa ficava um pouco longe e eu queria continuar depois as minhas averiguações. Fui jantar a um hotel que então havia na antiga rua dos Latoeiros.

Comecei a comer distraído e ruminando mil idéas contrarias, mil supposições absurdas. Estava no meio do jantar quando vi descer do segundo andar da casa um criado com uma bandeja onde havia varios pratos cobertos.

— Não quer jantar, disse o criado ao dono do hotel que se achava no balcão.

— Não quer? perguntou este; mas então... não sei o que faça... reparaste se... Eu acho bom ir chamar a policia.

Levantei-me da mesa e approximei-me do balcão.

— De que se trata? perguntei eu.

— De uma moça que aqui appareceo hontem, e que ainda não comeo até hoje...

Pedi-lhe os signaes da pessoa mysteriosa. Não havia duvida. Era Marianna.

— Creio que sei quem é, disse eu, e ando justamente em procura della. Deixe-me subir :

O homem hesitou; mas a consideração de que não lhe podia convir continuar a ter em casa uma pessoa por cuja causa viesse a ter questões com a policia, fez com que me deixasse o caminho livre.

Acompanhou-me o criado, a quem incumbi de chamar por ella, porque se conhecesse a minha voz, suppunha eu que me não quizesse abrir.

Assim se fez. Marianna abriu a porta e eu appareci. Deu um grito estridente e lançou-se-me nos braços. Repelli aquella demonstração com toda a brandura que a situação exigia.

— Não venho aqui para receber-te abraços, disse eu; venho pela segunda vez buscar-te para casa, donde pela segunda vez fugiste.

A palavra *fugiste* escapou-me dos labios; todavia, não lhe dei importancia senão quando vi a impressão que ella produziu em Marianna. Confesso que devêra ter alguma caridade mais; mas eu queria conciliar os meus sentimentos com os meus deveres, e não fazer com que a mulher não se esquecesse de que era escrava. Marianna parecia disposta a soffrer tudo dos outros, com tanto que obtivesse a minha compaixão. Compaixão tinha-lhe-eu; mas não lh'o manifestava, e era esse todo o mal.

Quando a fugitiva recobrou a falla, depois das emoções diversas porque passára desde que me vio chegar, declarou positivamente que era sua intenção não sahir d'alli. Insisti com ella dizendo-lhe que poderia ganhar tudo procedendo bem, ao passo que tudo perderia continuando n'aquella situação.

— Pouco importa, disse ella; estou disposta a tudo.

— A matar-te, talvez? perguntei eu.

— Talvez, disse ella sorrindo melancolicamente; confesso-lhe até que a minha intenção era morrer na hora do seu casamento, afim de que fossemos ambos felizes, — nhonhó casando-se, eu morrendo.

— Mas desgraçada, tu não vês que...

— Eu bem sei o que vejo, disse ella; descance; era essa a minha intenção, mas pode ser que o não faça...

Compreendi que era melhor leval-a pelos meios brandos; entrei a empregar-os sem esquecer nunca a reserva que me impunha a minha posição.

Marianna estava resolvida a não voltar. Depois de gastar cerca de uma hora, sem nada obter, declarei-lhe positivamente que ia recorrer aos meios violentos, e que já lhe não era possível resistir. Perguntou-me que meior eram; disse-lhe que eram os agentes policiaes.

— Bem vês, Marianna, acrescentei, sempre has-de ir para casa; é melhor que me não obrigues a um acto que me causaria alguma dor.

— Sim? perguntou ella com ancia; teria dor em levar-me assim para casa?

— Alguma pena teria de certo, respondi; porque tu foste sempre boa rapariga; mas que farei eu se continuas a insistir em ficar aqui?

Marianna encostou a cabeça á parede e começou a soluçar; procurei acalmal-a; foi impossivel. Não havia remedio; era necessario empregar o meio heroico. Sahi ao corredor para chamar pelo criado que tinha descido logo depois que a porta se abriu.

Quando voltei ao quarto, Marianna acabava de fazer um movimento suspeito. Parecia-me que guardava alguma cousa no bolso. Seria alguma arma?

— Que escondeste ahi? perguntei eu.

— Nada, disse ella.

— Marianna, tu tens alguma idéa terrivel no espirito... Isso é alguma arma...

— Não, respondeo ella.

Chegou o criado e o dono da casa. Expuz-lhes em voz baixa o que queria; o criado sahio, o dono da casa ficou.

— Eu suspeito que ella tem alguma arma no bolso para matar-se; cumpre arrancar lh'a.

Dizendo isto ao dono da casa, aproximei-me de Marianna.

— Dá-me o que tens ahi.

Ella contrahio um pouco o rosto. Depois, mettendo a mão no bolso, entregou-me o objecto que lá havia guardado.

Era um vidro vasio.

— Que é isto, Marianna? perguntei eu, assustado.

— Nada, disse ella; eu queria matar-me depois d'amanhã. Nhonhó apressou a minha morte; nada mais.

— Marianna! exclamei eu atterrado.

— Oh! continuou ella com voz fraca; não lhe quero mal por isso. Nhonhó não tem culpa: a culpa é da natureza. Só o que eu lhe peço é que não me tenha raiva, e que se lembre algumas vezes de mim...

Marianna cahio sobre a cama. Pouco depois entrava o inspector. Cha-

mou-se á pressa um medico ; mas era tarde. O veneno era violento ; Marianua morreu ás 8 horas da noite.

Soffri muito com este acontecimento ; mas alcancei que minha mãe perdoasse á infeliz, confessando-lhe a causa da morte della. Amelia nada soube, mas nem por isso deixou o facto de influir em seu espirito. O interesse com que eu procurei a rapariga , e a dor que a sua morte me causou, transtornaram a tal ponto os sentimentos da minha noiva , que ella rompeo o casamento dizendo ao pae que havia mudado de resolução.

Tal foi , meus amigos , este incidente da minha vida. Creio que posso dizer ainda hoje que todas as mulheres de quem tenho sido amado , nenhuma me amou mais do que aquella. Sem alimentar-se de nenhuma esperança, entregou-se alegremente ao fogo do martyrio ; amor obscuro , silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas no fundo, amor immenso e profundo, sincero e inalteravel. »

Continho conluio assim a sua narração , que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas d'ahi a pouco sahiamos pela rua do Ouvidor fóra, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e opportunas. [Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade.

J. J.

